

## ilustrada

# Palacete refeito com tecnologia mostra como o poder se atualiza

Trabalho de Giselle Beiguelman e Ilê Sartuzi reconfigura casarão de barão do café usando inteligência artificial

Carolina Moraes

SÃO PAULO O vídeo "Nhonhô", de Giselle Beiguelman e Ilê Sartuzi, indica logo no começo de seus dez minutos o significado dessa palavra que batiza ruas e palacetes pela cidade de São Paulo. É o diminutivo de sinhô, como os escravos se dirigiam aos mais jovens da casa grande.

Já se passaram mais de 130 anos do fim da escravidão no Brasil, mas o documentário, agora em cartaz no site do Videobrasil, mostra como as estruturas coloniais persistem nos dias de hoje ao reconstituir a história e a estrutura arquitetônica do casarão Nhonhô Magalhães, no bairro de Higienópolis.

"Quando você vai à etimologia da palavra, o colonialismo está injetado entre nós nas coisas mais sutis da linguagem —sinhã, nhonhô, iaia—, é toda uma família simbólica", afirma Beiguelman.

O palacete do barão do café Carlos Leônico de Magalhães, construído no final da década de 1930, é todo recriado a partir de processos eletrônicos.

Sem pessoas, com a narração feita só pelas legendas, sem vozes, e com o mapeamento parcial da casa —já que o shopping Pátio Higienópolis, que incorporou o espaço a seu complexo, não permitiu a entrada nas

áreas que ainda não foram inauguradas—, a obra cria um ambiente fantasmagórico.

O projeto foi feito durante a pandemia, e a pesquisa historiográfica aconteceu só no ambiente digital. Ilê Sartuzi conta que milhares de fotografias foram tiradas para a reconstrução tridimensional do casarão. A trilha sonora, ruidosa e eletrônica, também está ligada à arquitetura do espaço.

"Tirei as medidas do teatrinho e da escada que desce para o subsolo do espaço e, a partir disso, Gabriel Francisco Lemos chegou a tons que foram a base para a construção dessa trilha", diz.

A colorização foi feita com inteligência artificial, que pigmentou as imagens com referências europeias e americanas —isso por que as duas regiões são as que têm os maiores arquivos de imagens dessa época, na qual o programa se baseia.

"As fotos ficavam com essa cara europeia, dá para ver no vídeo essa luz diáfana que entra pela lateral", afirma Beiguelman, que lembra que a iluminação reforça a tentativa de imitação dos palacetes europeus aqui no Brasil.

O shopping ao lado aparece como uma grande parede de espelhos, mimetizando a fachada reluzente do prédio.

É um espaço, portanto, que espelha essa mansão super-



Cenas do vídeo 'Nhonhô', de Giselle Beiguelman e Ilê Sartuzi, que está no Videobrasil

lativa com teatro, 40 cômodos, capela e tudo importado da Europa —um lugar todo estruturado com uma circulação de empregados que se dava por outras entradas que não as principais, é claro.

Durante o curto espaço que o Paço das Artes, que passou a ter sua nova sede na garagem desse casarão, abriu para o público durante a pandemia, o acesso à instituição cultural passou a ser exclusivamente pela entrada do shopping.

Artistas e outros profissionais envolvidos na exposição do Paço das Artes, "Táticas de Desaparecimento", que reabriu por pouco tempo antes do segundo fechamento dos espaços culturais em São Paulo, questionaram essa mudança do acesso em carta enviada à instituição.

Quando estava aberto ao público, o Paço das Artes informou, em nota, que, desde a reabertura dos centros culturais, o espaço retomou as atividades com as duas entradas principais do shopping como acesso ao espaço cultural.

O fato de uma instituição dessas ocupar a garagem da casa de um barão do café e ter a entrada por um espaço comercial reflete as questões que Beiguelman e Sartuzi trabalham em "Nhonhô".

"O vídeo não é uma história da casa e da cidade, é um discurso construído a partir da casa. Ela é um enunciado e integra um complexo, que é o do shopping", diz a artista.

"Nesse sentido, ela é a lente para que a gente entenda essa apropriação da cultura pelo neoliberalismo, pelos novos formatos de cidade genérica."

Nessa atualização das relações brasileiras, a cultura é como um serviço, segundo os artistas. "É como um serviço, neste caso, ela ainda tem seu acesso pelas portas do fundo da mansão, e isso não se invalida quando ela é deslocada para a entrada do shopping. Ou seja, a porta da frente é o ambiente de consumo", afirma Giselle Beiguelman.

**Nhonhô**  
Giselle Beiguelman e Ilê Sartuzi. No Videobrasil online, videobrasil.online

## Coleção Folha documenta atividade do comércio no 5º volume

Thales de Menezes

SÃO PAULO No dia 9 de janeiro de 1926, uma foto mostrava um comerciante e seus produtos na rua 25 de Março, ilustrando reportagem sobre a bagunça diária no local, com disputa acirrada por freqüentes e condições ruins de higiene.

Em dezembro de 2012, o fotógrafo Tuca Vieira registrou o intenso movimento de pedestres na 25 de Março, perto do Natal, num único dia, a rua recebia mais de 500 mil pessoas em busca de presentes.

Essas duas imagens estão presentes na Coleção 100 Anos de Fotografia - Pelas Lentes da Folha. Fazem parte do quinto volume da série, "Comércio - Do Pastel ao Vinil", que chega às bancas no próximo domingo. Cada um dos dez livros da coleção é vendido por R\$ 24,90 e vem com um pôster impresso em papel especial, com reprodução de uma foto impactante sobre o tema abordado naquele volume.

Nas comemorações de seu centenário, que foi completado no último dia 19 de fevereiro, a Folha lança a primeira de suas coleções editada exclusivamente com fotos de seus profissionais. As mais de 400 imagens selecionadas para os dez volumes prestam tributo a esses fotógrafos e traçam a evolução do jornal no decorrer dessas décadas, criando sua maneira própria de contar os fatos em narrativas visuais.

Com as imagens sempre acompanhadas de detalhes curiosos, a coleção alia pequenas aulas de história para os leitores a um sentimento nostálgico que certamente despertará no público mais

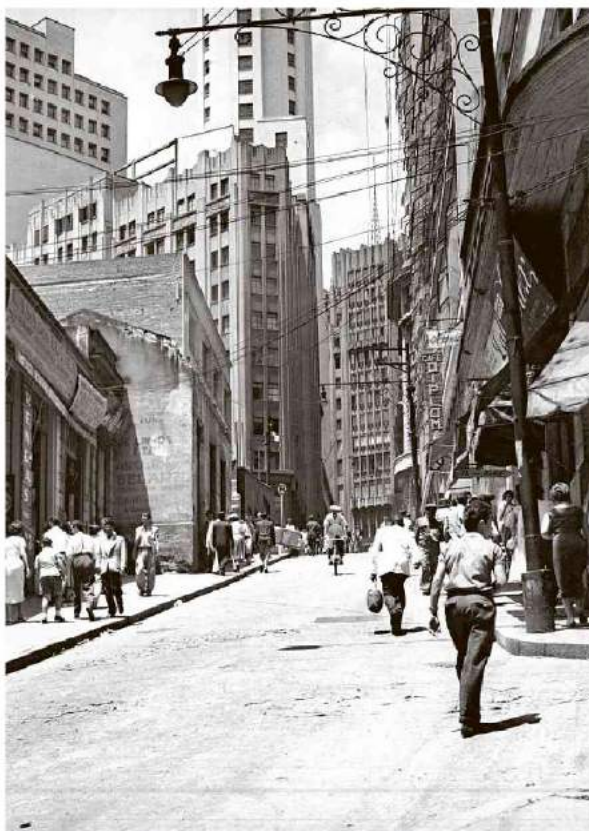
maduro. No caso deste volume sobre o desenvolvimento do comércio, também será atraente para quem tem particular interesse em produtos como, por exemplo, chapéus e discos de vinil.

Item praticamente obrigatório no guarda-roupa masculino até o final dos anos 1950, o chapéu era encontrado em muitas lojas do centro de São Paulo. Um exemplo é a Chapelaria Paulista, na rua Quintino Bocaiuva, perto da praça da Sé, fotografada em 1983 no registro editado no livro. Com uma resistência quase heroica às mudanças da moda, ela foi fundada em 1911 e conseguiu manter suas portas abertas até 2015, sempre no mesmo endereço.

Em uma fotografia de fevereiro de 1957, fãs de música visitam uma loja de discos buscando seus favoritos. A tecnologia dos discos de vinil, menos pesado que seus antecessores feitos de cerâmica, foi criada nos Estados Unidos em 1948, e a novidade ganhou enorme popularidade no Brasil na década seguinte.

Um personagem que surgiu nas ruas das grandes cidades na década de 1980 foi o segador de placas. Ele anunciava os serviços de pequenos comerciantes que trabalhavam em salas dos prédios, não em lojas com porta na rua.

A maioria dessas placas tinha a chamada "compro ouro", numa época em que vender antigas joias da família se tornou opção para ajudar as finanças em tempos bucidos. Foto de Jorge Araújo, de 1983, documenta essa atividade nas ruas entre a praça da Sé e a praça da República, no centro paulistano.



Pedestres na ladeira Porto Geral, travessa da tradicional 25 de Março

Muitas fotos são dedicadas à enorme movimentação nos mercados e nas lojas.

Uma multidão espremida entre barracas de frutas no Ceagesp, em 1979, realmente impressiona. As vezes, as imagens podem mostrar comércios em estagios bem diferentes. Por exemplo, a fachada imponente e bem lotada do Mappin, em 1982, então a grande loja de departamentos do país. Ou uma pequena mercearia em Brasília, numa foto tirada poucos dias antes da inauguração da cidade, no dia 21 de abril de 1960.

As feiras livres também são destacadas. Numa foto aérea de junho de 1965, quase 200 barracas estão dispostas numa feira gigantesca no encontro do largo do Passandú com a avenida Rio Branco, em São Paulo. Entre outras curiosidades, o livro informa que o tradicional "pastel de feira" foi trazido à capital paulista nos anos 1950 pelos comerciantes que vieram do Japão.

O pôster do quinto volume exibe lojas de varejo convivendo com muitos vendedores ambulantes na avenida São João, no centro de São Paulo.

A foto foi tirada em fevereiro de 1957 e mostra o fundo do viaduto do Chá, com trânsito intenso passando por debaixo de sua estrutura.

Com os volumes chegando às bancas a cada domingo, a Coleção 100 Anos de Fotografia - Pelas Lentes da Folha vai até o dia 2 de maio, com o lançamento de seu décimo número, chamado "Nostalgia - Memórias em Imagens".

**Coleção 100 Anos de Fotografia - Pelas Lentes da Folha**  
Comprado pelo site [folha.com.br/100anosdefotografia](http://folha.com.br/100anosdefotografia)